

de Alencar, ensejando polêmica em *O Globo*, o jornal de Quintino Bocaiuva na época, em cujas páginas, no ano anterior, Machado de Assis publicara, em folhetim, *A Mão e a Luva*<sup>(147)</sup>.

O acontecimento jornalístico de 1874 será o aparecimento da *Gazeta de Notícias*, de Ferreira de Araújo, “homem de iniciativas sancionadoras, tendo reformado a imprensa do seu tempo, para dar espaço à literatura e às grandes preocupações, com desprezo pelas misérias e mesquinharias da política”. Lúcio de Mendonça lembraria com saudades o fundador do novo jornal: “A figura de Ferreira de Araújo, tão acentuada e distinta, era absolutamente inconfundível, mal se me destaca, entretanto, no grupo apagado pelo tempo, como velha fotografia. . . Assim, ainda mal o conhecia, quando, poucos anos depois, vi, em S. Paulo, o primeiro número da *Gazeta de Notícias*, de formato modesto e colunas estreitas, mas com o que quer fosse, em todo o feitio, que já revelava para os do ofício a folha que havia de ficar”. A *Gazeta de Notícias* era, realmente, jornal barato, popular, liberal, vendido a 40 réis o exemplar, Ao lado do jornal de Ferreira de Araújo, que não conquistara ainda a posição destacada de que depois desfrutou, estava *O Globo*<sup>(148)</sup>. Nele ingressara Salvador de Mendonça, regressando à imprensa nesse ano, fazendo folhetins e a reportagem da Câmara. No Recife, nesse mesmo ano, Tobias Barreto redigia o periódico *Um Sinal dos Tempos*, de poucas características de imprensa, lembrando, mas em outro nível de qualidade, os periódicos de Silva Lisboa.

(147) A 18 de setembro de 1875, estreava no Teatro São Luís o drama *O Jesuíta*, de José de Alencar, escrito em 1861 e até aí inédito; foi um fracasso, as salas sempre vazias. A 22, *O Globo* publicava folhetim sem assinatura, mas de Joaquim Nabuco, criticando a peça com simpatia, mas fazendo restrições. Alencar respondeu em quatro artigos, no mesmo jornal, sob o título “O teatro brasileiro”, reunidos, em 1875, no volume em que publicou *O Jesuíta*, como “Advertência”. A 3 de outubro, Nabuco voltou à carga com uma série de artigos, sob a rubrica “Aos domingos”; o primeiro trazia como subtítulo “O sr. J. Alencar e o teatro brasileiro”; seguem-se sete outros, sob o subtítulo “Estudos sobre o sr. José de Alencar”. Nabuco afirma, desde logo, que vai analisar a obra de Alencar sem respeitar “a convenção literária que o protege”. Alencar responde em outra série de sete artigos, “As Quintas”, de 7 de outubro e 18 de novembro; Nabuco publica o seu último artigo a 21 de novembro; Alencar escreveu mas não publicou a resposta com que encerrou a polêmica.

(148) Foi em *O Globo* que Urbano Duarte, sob o título “Romancista ao Norte”, saudou o aparecimento de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, em 1880. O romancista, a essa altura, vivia ainda no Maranhão, onde, com Vítor Lobato, lançara *A Pacotilha* e, depois, com Eduardo Ribeiro, *O Pensador*, “pequeno periódico de franco e desabusado combate anticlerical”. Só em 1881 Aluísio veio para o Rio de Janeiro; a imprensa maranhense combatia asperamente o seu romance de estréia. *A Civilização*, de 23 de julho de 1881, por exemplo, trazia artigo de Euclides de Faria, com crítica em termos contundentes a *O Mulato*: “É muita audácia, ou muita ignorância, ou ambas as coisas ao mesmo tempo! (. . .) À lavoura, meu estúpido, à lavoura! Precisamos de braços e não de prosas em romances!” Esse exemplo mostra o nível em que estava colocado, na província, o problema literário, e ainda a forma como Aluísio chocara, realmente, o ambiente provinciano, não apenas com o seu livro, mas ainda com os seus trabalhos de jornal.